

# **Reflexão a respeito da linguagem e a sociedade: a sociolinguística na sala de aula**

Kárita Andrade Cavalcante<sup>1</sup>

Bruno Augusto de Souza<sup>2</sup>

COMUNICAÇÃO ORAL: GT: Língua Portuguesa e Literatura

## **RESUMO:**

O presente artigo abordará reflexões teóricas a respeito da variação linguística e como ela pode ser abordada em sala de aula nos mais variados contextos, destacando conceitos sobre a variação linguística, seus fatores externos como: posição geográfica, fatores sócio- culturais e até mesmo internos como problemas de articulações de sons em função dos fatores externos como a falta de saneamento básico em uma dada região, que desencadeia em problemas de saúde em função da falta de água tratada, esgoto, hospitais e outros que interferem na vida dos sujeitos que ali vivem como a perda dos dentes que prejudica na articulação de uma série de fonemas como /f/,/v/ e outros, tudo isso torna a sociolinguística indispensável devido à realidade sócio-cultural do nosso país. Nesse sentido a variação linguística serviria como uma conscientização dos alunos com relação ao preconceito linguístico, de acordo com Marcos Bagno, dessa forma os mesmos compreenderia a variedade como um reflexo da sociedade e que essa por sua vez possui uma variedade social que caracteriza o papel de cada indivíduo. Buscaremos, portanto estabelecer novas estratégias pedagógicas que favoreçam e que desperte maior interesse nos alunos com relação ao ensino-aprendizagem, tratando o ensino de línguas de modo reflexivo, tendo em vista que o ensino de língua portuguesa ainda em uma maioria baseia-se nas normas prescritas pela gramática normativa, que não disponibiliza um espaço para o desenvolvimento das relações entre a língua e a sociedade, desta forma evidenciaremos o respeito à língua utilizada pelos alunos, pois este é um dos caminhos traçados por uma educação inclusiva se tratando das desigualdades sociais.

**Palavras- chave:** Variação linguística, sociedade, educação.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas (UnUCSEH).  
karitha\_andrade14@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas (UnUCSEH).  
b.a.desouza@hotmail.com

## **Justificativa:**

Considerando a grande polêmica que gira em torno das variações linguísticas na sala de aula, essa pesquisa se justifica pela relevância de conscientizar a sociedade, os profissionais e os alunos a respeito das variações linguísticas, do preconceito linguístico e da adequação a fala de acordo com o ambiente seja ele formal ou informal, partindo do pressuposto de que a própria sociedade “elitizada” impõe por meio das normas gramaticais uma maneira “correta de se falar”.

Quanto à noção de erro, Bagno (2009, p. 149) afirma que:

ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...].

A imposição da sociedade em se “falar corretamente” chega às escolas como uma maneira crítica, fazendo com que aquele cujo pertence a uma classe mais desfavorecida, que não teve acesso à educação sofra o preconceito linguístico, é importante que os alunos e profissionais da educação compreendam que não se pode cobrar de diferenciadas realidades linguísticas que não estão de acordo com as normas. É importante ressaltar ainda que o nosso país por ser de uma grande extensão territorial, possui uma abrangência de variantes, determinadas por fatores diversos.

A partir do momento que o ensino de língua portuguesa ou estrangeira passa a ser compreendido dessa maneira, abrange a capacidade dos alunos de compreender a língua de maneira mais diversificada e não restrita como é o caso do ensino focado apenas nas normas gramaticais, dessa forma os alunos constroem também uma visão mais crítica a respeito da língua.

Com base nessas constatações essa pesquisa terá por objetivo avaliar as manifestações de preconceito referentes às variações linguísticas em sala de aula. Por meio da observação das aulas aplicadas abordando as variações linguísticas como temática central em algumas turmas do Ensino Médio, discutindo a partir da sociolinguística e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre a aplicabilidade desse assunto na sala de aula.

## **Objetivos:**

Objetivo geral:

Abordar reflexões teóricas a respeito da variação linguística e como ela pode ser trabalhada em sala de aula nos mais variados contextos, destacando conceitos sobre a variação linguística nos mais variados contextos.

Objetivos específicos:

- Observar a maneira que a variação linguística tem sido abordada na sala de aula.
- Elaborar registros a respeito das observações registradas durante as aulas relacionadas à variação linguística.
- Conscientizar os alunos da importância desse fenômeno no ensino da Língua Portuguesa e/ou estrangeira na qual é cobrada pela sociedade.
- Relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social.

**Metodologia:**

Por se tratar de uma pesquisa campo de caráter descritivo, utilizaremos o método de natureza indutiva para a coleta e interpretação dos dados, partindo da necessidade de verificar como acontece o ensino da variação linguística na sala de aula levando em consideração suas diversidades.

Nesse sentido a observação não é feita no vácuo, ela tem um papel decisivo na ciência, toda observação é precedida por um problema, ela segue um caráter ativo e seletivo, Lakatos (1991) coloca a observação como uma maneira de investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a influência da sociedade de hoje, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Dessa forma esse método auxiliará na busca de um referencial durante as pesquisas a respeito da variação linguística e as influências da mesma no processo de ensino.

Ao ingressar na educação superior mais específico no curso de Letras o graduando passa por uma disciplina de estágio que consiste em aplicar todo o conteúdo apreendido, conceitos, concepções e outros em prática, nessa fase o aluno em suas aulas de observação e regências no ensino básico, sendo assim essa pesquisa é reflexo das experiências nas disciplinas de línguas, tanto língua portuguesa quanto estrangeira. O

aluno na graduação desenvolve o olhar reflexivo nas aulas de Orientação para o Estágio, nessa disciplina o aluno depara com a teoria aliado a prática. A experiência vivenciada por cada aluno passa a ser instrumento de estudo durante as aulas dessa disciplina e os alunos podem então desempenhar uma troca de ideias e sugestões para que possam melhorar suas aulas, no caso específico dessa pesquisa evidenciaremos a maneira na qual o ensino de sociolinguística tem sido abordado nas salas de aula, com a amostragem de três turmas do ensino médio.

### **Introdução:**

Esse trabalho surgiu de um questionamento sobre como a variação linguística tem sido abordada na sala de aula, enfatizando o modo, se tratando de compreensão da língua e em sentido a variação linguística interfere no desenvolvimento e aprendizagem da língua materna e línguas estrangeiras dos alunos. O levantamento dessa situação nos levou a pesquisar como e em que circunstâncias os professores têm tratado deste assunto nas escolas, para isso evidenciamos três turmas do ensino médio a fim de verificar a abordagem sociolinguística como tema nas salas de aula.

Trabalhar com a Variação Linguística não é uma tarefa fácil, requer por parte dos professores uma conscientização a respeito da importância desse fenômeno no ensino da Língua Padrão na qual é cobrada pela sociedade e que muitas vezes são cobrados pelos professores devido a um ciclo vicioso da sociedade que alia o ensino de língua ao ensino das normas gramaticais, tratando as variantes de modo preconceituoso por muitas vezes sem essa intenção, mas devido as críticas impostas pela sociedade.

Veremos também como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) irão enfatizar a importância de se trabalhar a variação na sala de aula nos mais diferentes contextos não enfatizando apenas o rural do urbano, mas também destrinchando outras variações como gênero, classe social, idade e outras, tendo em vista que cabe ao professor proporcionar situações diferenciadas para conscientizar o aluno a respeitar as diferenças tão evidentes em nossa sociedade.

Portanto pretendemos elucidar essa problemática no processo de ensino/aprendizagem de línguas tanto a língua materna quanto as estrangeiras considerando que esse fenômeno ocorre em todas as línguas, tendo como base teórica os pressupostos da sociolinguística e as relações dos sujeitos em sala de aula por meio da realidade vivenciada pelos alunos dentro e fora da mesma.

## **Discussão Teórica:**

No Brasil o estudo relacionado à variação linguística é praticamente indispensável devido à realidade sociocultural e a extensão territorial do nosso país, isso favorece que no ensino de Língua Portuguesa os alunos possam ter a oportunidade de refletir sobre a língua e os mais variados usos da mesma. Percebemos em todo território nacional as mais diversas variações existentes na língua, devido ao seu dinamismo e sua renovação, e mesmo percebendo que há diversas maneiras de falar, a sociedade reluta em aceitar essas diferenças, criando assim o preconceito linguístico que passa a ser também um preconceito social. Vejamos a seguir:

Os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais. [...] (o professor) se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282)

Ainda é necessário que ocorra uma formação do corpo docente para que dessa forma aconteça uma mudança de fato no trabalho pedagógico, tendo em vista que a gramática normativa continua sendo o principal tema abordado durante as aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido abordaremos a relevância do ensino de variação linguística na sala de aula, com a finalidade de contribuir com a educação das camadas populares, evidenciando o respeito à língua.

A realidade na qual nos encontramos é decepcionante, no sentido de que a educação em si é desvalorizada, os professores não são valorizados, os alunos também, e a linguagem utilizada pelos próprios alunos da mesma forma, pois a língua padrão prestigiada pela sociedade ainda prevalece na escola, conforme dito anteriormente, a gramática normativa ainda é o alvo principal durante as aulas o que torna as aulas por muitas vezes monótonas e deixam os alunos desmotivados, ao levar aspectos que fazem parte do cotidiano dos alunos, os aproximam da realidade vivenciada por eles e ao abordar a sociolinguística no ambiente escolar o professor estará lidando com uma aproximação do que os alunos vivenciam dessa forma “chamando a atenção” e tornando as aulas mais interessantes e motivadoras.

Diante de tantas variações como as regionais, por idade, gênero, status socioeconômicos, grau de escolaridade, mercado de trabalho, redes sociais e outros, não há mais espaço para enfatizar apenas as normas gramaticais, ao desenvolver um trabalho pedagógico no qual esteja mais próximo da realidade vivenciada pelos alunos os professores estarão contribuindo de maneira significativa para a inserção dos alunos menos escolarizados por não salientar apenas a gramática como tema central de suas aulas.

Muitas dúvidas surgem diante desse trabalho, pois ao enfatizar a maneira que o aluno fala o professor estaria deixando o aluno “falar errado”, entretanto é necessário que o professor consiga levar o aluno a refletir sobre a língua nas mais variadas situações, a maneira que ele conversava em um grupo de amigos que seria uma conversa informal na qual ele poderá falar gírias usar sentenças que não seriam apropriadas em uma situação que exija uma adequação mais formal como uma entrevista de emprego.

A língua é como um rio, e como se sabe, de acordo com o pensamento de Heraclito de Éfeso "O homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio", pois o rio está em constante atividade, ele não para, mas, a água movimenta-se o tempo todo, sendo assim, pode-se caminhar para a ideia de que a língua está em constante mudança, ao tratarmos desse assunto podemos também destacar a história da língua portuguesa e explicar a diferença entre variação x mudança linguística, pois a língua com o passar do tempo sofre modificações devido a uma série de aspectos, dentre eles a capacidade humana de facilitar a comunicação como por exemplo: É mais fácil articular “cê” do que “você”, uma mudança tão presente em nosso cotidiano em comunicações informais e que reflete no passado dessa mesma palavra como é o caso de “vossa mercê” que mais tarde se tornou “vosmecê” e que atualmente falamos “você”, centenas de exemplos como esse podem ser apresentados aos nossos alunos.

E pensando nisso, a respeito do ensino, podemos observar que ele continua seguindo os mesmos critérios do ensino de séculos atrás, a sociedade modificou-se e ainda continua se pregando e impondo os mesmos conceitos de língua, destacando a norma padrão, a gramática ainda dita o que é “certo” e “errado” e a língua não padrão dita as mudanças.

Ao observarmos a variação linguística na sala de aula quando abordada refere-se apenas em distinguir duas variantes a rural da urbana, com quadrinhos do Chico Bento

para ilustrar essas situações, enfatizando um grupo exercendo por vezes sem perceber o preconceito linguístico.

Vejam os quadrinhos abaixo:



A linguagem utilizada por Maurício de Souza nos quadrinhos do Chico Bento enfatiza o sotaque interiorano, a problemática em questão não é a utilização do quadrinho em sala de aula, mas sim o uso somente desse tipo de variante, ao considerarmos que existem diferentes tipos de variações linguísticas e querer mesmo que sem a intenção demonstrar que somente quem fala com esse tipo de sotaque é diferente.

Justamente pela generalização de que quem mora na zona rural e que possui um sotaque mais interiorano fala “errado”, não se deve deixar de lado, mas também não se deve enfatizar somente esse tipo de variação ao observarmos a imensa variedade já mencionada.

De acordo com Sírio Possenti 1997:

[...] os erros que condenamos só são erros se o critério de avaliação for externo à língua ou ao dialeto, ou seja, se o critério for social. Mas, se adotássemos esse critério para todos os casos, deveríamos também concluir que são erros todos os modos diferentes de falar, mesmo os que são típicos de outras línguas. (POSSENTI, 1997, p.30)

Conforme aponta Sírio Possenti o que não podemos apontar como erro é a norma gramatical como um parâmetro de avaliação do que é certo ou errado de se falar,

pois, até mesmo os erros se tornam uma variante linguística não só na língua portuguesa, mas também em outras línguas.

### **A sociolinguística**

A sociolinguística de acordo com Mollica e Braga (2007) é encarregada de analisar e estudar a língua quanto a sua heterogeneidade, correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Tal subdivisão linguística encarrega-se de compreender as manifestações da língua diante da sociedade.

Ainda tratando-se de sociolinguística é importante ressaltar que o objeto de estudo da mesma são as variações linguísticas que podem também ser compreendidas como as manifestações de uma língua em diversos contextos sejam eles formais ou informais. Entretanto a maior preocupação da sociolinguística é a análise da língua falada, para dessa forma então comparar os fatores heterogêneos da língua em seus mais variados fenômenos.

Os traços variáveis da fala ou da escrita têm origem em fatos internos ou externos à língua e são chamados de fatores condicionantes ou condicionadores (MOLLICA, 1996; TARALLO, 1985) por remeterem às condições sociais ou linguísticas reguladoras do uso da língua na hora de falar ou escrever. Fatores externos – humanos ou sociais como sexo, idade, escolaridade, classe social, dentre outros, podem exercer grande influência no modo de falar ou de escrever, permitindo a existência de inúmeras variáveis linguísticas.

### **A variedade linguística:**

A teoria da variação põe diante de nós a realidade tangível da língua: ela varia (socialmente) e muda no tempo (historicamente) e no espaço (geograficamente). A variação é sincrônica quando vários elementos de variação co-ocorrem simultaneamente e disputam espaço na comunidade de falantes.

A variedade linguística nada mais é que o reflexo da sociedade, que essa por sua vez possui uma variedade social caracterizando o papel de cada indivíduo, dividindo-os em grupos, classes etc. No Brasil isso ocorre pela má distribuição de renda, pois ocorre de maneira desigual e isso reflete na língua, sendo que quem tem mais poder aquisitivo,

tem mais contato com a norma padrão. Será que o que existe mesmo é o preconceito linguístico?

Segundo Marcos Bagno não, o que existe é o preconceito social, ou seja, a sociedade analisa não a fala em si, mas quem a fala, em outras palavras nós somos o que falamos e nesse caso a língua passa a ser concreta, pois analisamos o indivíduo que a exerce, pois a linguagem de todos os instrumentos de controle e coerção social é o mais sutil, principalmente pelo fato da língua ser parte construtiva da identidade individual e social de cada ser humano.

De acordo com Gnerre: “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade por causa de seus falantes, isto é, vale como reflexão do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. (FIORIN, 2004, p.124)

Os papéis sociais são definidos por normas socioculturais, é algo que já está enraizado em nossa cultura e que de um modo “natural” determina os “personagens”. Com isso, podemos notar que existe uma divisão evidente que se reflete também na língua. Daí o domínio do “Português-Padrão” (PP) sobre o “Português não padrão” (PNP) que são as demais variedades da língua (nos seus mais diversos âmbitos e aspectos, seja social, regional, faixa etária etc.).

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque não faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.34)

Bortoni-Ricardo emprega muito bem que, as variedades com maior poder e prestígio, nada tem de superior as demais variações a não ser pela sua ideologia dominante, que estão associados à política, a economia. A divisão linguística ocorre da seguinte maneira, de um lado estão às variedades estigmatizadas (PNP) e do outro lado está à variedade prestigiada (PP); É importante saber quais os critérios que promovem essa divisão, onde podemos detectar o motivo do preconceito com as variedades estigmatizadas.

[...] Esse PNP (português não-padrão), logicamente, apresenta variedades de acordo com as diferentes regiões geográficas, classes sociais, faixas etárias e níveis de escolarização em que se encontram as pessoas que o falam.  
[...] (BAGNO, 1997, p.28)

Vejam os seguintes fatores que indicam a variação linguística do português não-padrão:

Os grupos etários:

*“(...) diferenças sociolingüísticas intergeracionais; os avós falam diferentes dos filhos e dos netos etc. (...)”* (BORTONI-RICARDO, 2004, p.47)

Isso acontece devido à constante mudança que a sociedade sofre com o tempo, e também influenciado pelas tendências da “moda”.

Os gêneros:

*“(...) essas variações entre repertórios feminino e masculino são relacionadas aos papéis sociais que, conforma já prendemos, são culturalmente condicionados.”* (BORTONI-RICARDO, 2004, p.47)

Existe uma cobrança e receptividade diferenciada do modo como certas colocações são realizadas dependendo de quem as fala se é um homem ou uma mulher.

Status socioeconômico

*“(...) desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolingüísticas. (...)”* (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48)

A distribuição de renda e a realidade de algumas regiões, mais carentes e necessitadas, influenciam no modo como essas pessoas fazem uso da língua, atendendo a suas necessidades.

Grau de escolarização

O quanto e em quais escolas o indivíduo frequentou influencia em seu repertório linguístico, pois, ao permanecer mais tempo na escola o indivíduo tem maior contato com os mais variados gêneros textuais.

## Mercado de trabalho

*“As atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionador de seu repertório sociolinguístico. (...)”* (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48)

Dependendo do lugar (empresa, comércio) que o indivíduo trabalha, ambiente mais ou menos formal, interfere em como o indivíduo fará uso da língua, monitorando mais ou menos a sua fala.

## Rede social

O modo como às pessoas com as quais convivemos interagem com a língua e a empregam em seu cotidiano interferirá em nosso comportamento.

*“(...) cada um de nós adota comportamentos semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. (...)”* (BORTONI-RICARDO, 2004, p.49)

É importante resaltar que apesar da existência do PNP, não se quer aqui (neste trabalho) excluir a importância do ensino do português padrão nas escolas, ao contrário, o que está posto a crítica é o estilo como ele é ensinado e o modo discriminador que se tem contra o PNP.

[...] A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto em grau de complexidade de um dialeto padrão. [...] (POSSENTI, 1997, p.17)

A escola tem a função de proporcionar aos indivíduos a oportunidade de aprender a língua padrão, o que não pode ocorrer é, no momento desta aprendizagem e aquisição, “(...) a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. (...)” (BAGNO, 1997, p.62), o „professor“ achar que o aluno não tem uma língua, agindo então, de modo depreciador do conhecimento que o aluno já chega à escola e a sua variedade de língua, característica de sua realidade e de sua comunidade.

Muitas discussões já foram feitas sobre o assunto e foram publicadas em 1997 através dos PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais que afirmam que a “Língua Portuguesa” é composta por diversas variedades linguísticas. Essas variedades são, frequentemente, estigmatizadas por se levar em conta o relativo valor social que se atribui aos diversos modos de falar: as variantes linguísticas de menor prestígio social são logo catalogadas de “inferiores” ou até mesmo, de “erradas”.

O desenvolvimento da competência linguística do aluno no Ensino Médio, dentro dessa perspectiva, não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma padrão, mas, principalmente, no saber utilizar a língua, em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros discursos concorrentes. (PCN, Ensino Médio).

O professor ao reconhecer a variação como um fator fundamental estará considerando as competências discursivas e respeitando a fala e escrita do aluno. Partindo do pressuposto de que os alunos devem interagir e que dessa forma ele influencia e é influenciado, cabe ao professor mediar esse processo e propor situações de envolvimento e de investigação das variedades linguísticas observando as características mostrando aos alunos e desmistificando a ideia de um falar “melhor” que o outro, para que o aluno possa compreender o que é adequado ou não sem menosprezar as variedades. Marcos Bagno nos remete a ideia de que:

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134).

Nesse sentido percebemos que a escola tem a necessidade de abrir um espaço para um grande número de variações linguísticas, realizadas no maior número de gêneros textuais sejam elas urbanas, rurais, escritas, orais, formais ou informais, dentre outras, ou seja, uma escola que oportunize a todos os gêneros.

A variedade linguística desses alunos precisa ser respeitada e valorizada, sem que lhes seja negada a oportunidade de aprender as variantes de prestígio, pois a língua é um dos bens culturais mais importantes para a ascensão social.

### **O preconceito linguístico:**

O preconceito linguístico é bem visível em quem exerce o sotaque interiorano, rural, pois as pessoas pensam que só pelo fato de uma pessoa morar na zona rural não sabe “falar” caracterizando-os como matutos (roceiros), seres incultos, sendo que todos são cultos, (partindo do pressuposto que culto vem de cultura), pois temos nossa cultura, viemos de algum lugar, temos nossos hábitos, nossa história etc.

Ao nos referirmos as variedades linguísticas não deveram enfatizar apenas a questão de uma linguagem interiorana e urbana, tendo em vista que há além dessas muitas outras variações, as variações regionais, por idade, por determinado grupo como: um grupo de amigos e um grupo de profissionais, que fazem uso de uma linguagem informal e formal o que irá depender muito da situação no qual o indivíduo se encontra.

Quando analisamos as diferentes regiões do Brasil, notamos que cada região tem sua cultura e suas expressões linguísticas, como por exemplo: no centro-oeste as pessoas tendem mais a puxar o “r”, do paulista o “uai” do mineiro, justamente para caracterizar o sotaque interiorano.

Vejamos a ilustração a seguir:



A ilustração demonstra duas variantes a de um sotaque sulista representado pelo gaúcho e um sotaque de um personagem litorâneo que pode ser caracterizado por um carioca ou um paulista, um falante que faz uso de gírias e que podem ser utilizados em sala de aula com o intuito de exemplificar as variantes regionais.

Outro fator que influencia na questão do ensino tradicional de gramática normativa é que os pais dos alunos aprenderam dessa forma e de certo modo exigem que os filhos aprendam da mesma forma que eles aprenderam.

Segundo Antunes (2011) “a preocupação com a língua certinha, da escola inibe a criatividade necessária para “dizer” diferente, para fugir daquela forma que todo mundo usa”.

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. [...] (BAGNO, 2007, p.27)

Dessa forma o professor pode explorar até mesmo o internetês tão utilizado pelos jovens de hoje diante de uma sociedade globalizada, que a cada dia que passa modifica mais principalmente em se tratando de comunicação, e porque não explorar esse tipo de variação.

### **A variação linguística na sala de aula:**

Trabalhar a variação linguística em sala de aula requer uma formação por parte dos profissionais e ao mesmo tempo uma reflexão a respeito considerando as mais diversas variações, nesse sentido cabe aos professores considerar e valorizar as variantes mais desprestigiadas socialmente, indagar as implicações socioeconômicas e enfatizar a fala dos alunos, dando-lhes acesso também a variante mais prestigiada conforme Callou (2007) explicita:

Se qualquer falante já possui uma gramática internalizada – sistema de regras e princípios universais – ao ingressar na escola, ele deve desenvolver a sua competência comunicativa de tal modo que possa “utilizar melhor” a sua língua em todas as situações de fala e escrita, isto é, possa ser capaz de refletir sobre a capacidade linguística que ele já possui e domina no nível intuitivo, mas sobre a qual nunca antes se tinha debruçado para analisar o funcionamento. (CALLOU, 2007.p 27)

Dessa forma os profissionais necessitam por meio de um conhecimento linguístico tornar o ensino de Língua Portuguesa mais significativo para os alunos, ampliando assim os conhecimentos desses e orientando-os a fazer o uso da língua de acordo com a situação comunicativa.

Sabemos que a realidade atual do ensino de Língua Portuguesa ainda decepcionante, uma vez que muitos alunos e professores não são valorizados em relação às suas práticas linguísticas no contexto escolar, ao passo que ainda prevalece na escola

à língua padrão e a prestigiada pela sociedade. Tal situação envolve a autoestima de alunos e professores que pertencem às classes sociais menos favorecidas e de variedades linguísticas estigmatizada, no entanto não podemos lidar com essa situação de desvalorização de maneira apática e sim levar para a sala de aula a fim de tornar os nossos alunos cidadãos críticos e reflexivos, partindo do pressuposto de refletir sobre a língua.

Relacionada a uma educação significativa Paulo Freire (2008) diz: A educação significativa é aquela que liberta o povo. Não interessa ensinar textos que os alunos não entendam, por que para eles isso não é significativo, é importante partir de uma linguagem que se aproxime da realidade deles, nesse caso ao abordar a sociolinguística seria um modo de aproximar essa realidade ao ensino de línguas.

Para muitos profissionais da educação a linguagem é uma capacidade humana de articular significados e compartilhá-los, tudo variará de acordo com as experiências de vida na sociedade.

De acordo com os PCN a indicação explícita para que sejam trabalhadas em sala de aula questões que têm como foco a variação linguística, como podemos constatar, a partir da citação a seguir, extraída dos PCN quando apresentam os objetivos do ensino de Língua Portuguesa.

[...] Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998a, p. 29)

De acordo com a orientação dos PCN, devemos conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio cultural brasileiro, bem como os aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-nos contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais. Sendo assim, se faz imprescindível que através da valorização das diferenças sociolinguística, os alunos possam saber que há várias formas de dizer a mesma coisa. Além disso, eles precisam perceber que as diferentes maneiras de falar têm propósitos comunicativos também diversos, pois podem aumentar o prestígio de quem fala ou inferiorizá-lo diminuindo-lhe as oportunidades.

A proposta dos PCN do Ensino Médio não difere em relação aos PCN em nível Fundamental, apenas se aprofunda e refina. Dentro da área de Linguagens e Códigos, a língua portuguesa se apresenta como a instância de formação de leitores críticos e competentes, sensíveis a diversidade sociocultural brasileira, e produtores de textos adequados e eficientes às múltiplas condições e necessidades advindas do trato social. As aulas de português no Ensino Médio devem promover, para tanto, condições necessárias ao desenvolvimento de interação autônoma e ativa de interlocução, leitura e produção textual; condições tão diversificadas quanto diversa e a sociedade em que os alunos estão inseridos. Numa perspectiva assim assumida, não há lugar para atitudes preconceituosas e discriminatórias.

### **Resultados:**

Os resultados das leituras realizadas e de acordo com os relatórios das aulas observadas até o presente momento mostram que a Língua Portuguesa não é uniforme, mas sim marcada por uma grande variedade marcada por regiões, zonas rurais e urbanas, idade, gênero e outros, devido a uma gama de culturas muito grande. O professor então durante o processo de aquisição e aperfeiçoamento da escrita deve atuar como um mediador, procurando apresentar situações cotidianas de conversação, dessa forma ensinando o valor da língua e de sua escrita, além é claro de ensinar os conteúdos.

O trabalho com a linguagem se constitui como algo complexo tanto na sala de aula como na própria sociedade por requerer do professor uma postura que vá além do “certo” e do “errado”, uma vez que ele deve levar o aluno a refletir, tornando o aluno sujeito de sua ação por meio da linguagem.

Lidar com as diferenças é uma das maiores dificuldades do ser humano e que até mesmo uma maneira diferente de se falar é aceito com dificuldade e que a partir disso surge o preconceito, mas que esse preconceito é um preconceito social. Ao descobrir a diversidade, muitas vezes manifesta-se a tensão, a intolerância e principalmente o preconceito. Percebemos também que o preconceito linguístico acontece até mesmo nas séries iniciais e que é de grande importância que o professor conscientize os seus alunos e auxilie-os a respeitar as diversidades linguísticas.

Apesar de ser uma atividade árdua apresentar a sociolinguística de modo tão abrangente não é uma tarefa impossível, é nítido que o aluno ao deparar com o cotidiano dele, ao ler um texto que faz parte de sua realidade se torna mais interessado nas aulas e

mais motivado a produzir textos, as aulas observadas nas quais foram abordados a variação linguística não extinguiu a gramática normativa, tentamos aliar uma abordagem a outra e obtivemos maior resultado de desenvolvimento e aprendizagem dos conteúdos apresentados.

## **REFERÊNCIAS:**

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** – Edições Loyola, São Paulo, 48<sup>o</sup> e 49<sup>o</sup> edição, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, é agora? Sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. - **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMACHO, R. **A variação linguística.** In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CALLOU Dinah in: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. : **Ensino de Gramática: descrição e uso,** São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2005.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** 2<sup>a</sup>. Edição. São Paulo: Editora Atlas. 1991. 242 p.

MATTOS E SILVA, R. V. **Tradição gramatical e gramática tradicional.** São Paulo: Contexto, 1989.

MOLLICA, Maria Cecília. Heterogeneidade linguística e cultura letrada. In\_\_\_\_. **Fala, Letramento e inclusão social.** São Paulo: Contexto, 2007, p.25-38.

POSSENTI, Sírio (1997): **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, Mercado de Letras.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.